

# Distante dos desígnios de Deus

Contra-pondo-se às pretensões iluministas de seu tempo, que buscavam revelar segredos divinos, *A Ciência Nova*, de Giambattista Vico, propõe ao homem debruçar-se sobre o que realmente lhe pode ser conhecido: sua história

Por Elias Thomé Saliba

Um verdadeiro historiador é aquele que consegue estabelecer uma relação afetiva com o passado, mas, ao mesmo tempo, manter uma certa distância dele. Afinado com as mais recentes concepções da historiografia, este equilíbrio instável, esta difícil coexistência entre o engajamento e distanciamento, é um dos inúmeros entre os mais importantes conselhos que podemos ler em *A Ciência Nova* (Record, 502 págs., R\$ 49,00), do filósofo italiano Giambattista Vico, que chega, finalmente, em tradução completa, prefácio e notas de Marco Luchesi, às mãos do leitor brasileiro.

Mas não é fácil ler Vico. O leitor pode entender-se com as inúmeras repetições, assustar-se com o formidável acúmulo de dados, e, de repente, surpreender-se com o brilho de certas passagens luminosas. Ler Vico, hoje, é um exercício de paciência. Em primeiro lugar pelas circunstâncias que envolveram a escrita e a publicação da obra. Publicada pela primeira vez em 1725, passou por uma reelaboração radical numa nova edição em 1739, para, finalmente, ser reeditada em 1744, pouco meses depois da morte do autor. Foi portanto, a obra de toda uma vida – a vida obscura deste sábio napolitano de biografia infeliz, de ascendência pobre, que logrou ser apenas professor de retórica, enfrentou inúmeros problemas familiares e só conseguiu refugiar-se, de sua existência precária e triste, nas imensas bibliotecas de nobres e mecenas pouco generosos, para os quais Vico escrevia discursos ou ajudava a educar os filhos.

Em segundo lugar, trata-se de um livro que foi teimosamente escrito contra algo ou alguém. No século 18, que buscava a exatidão e a clareza do estilo clássico, Vico escreveu num estilo rebarbativo e numa linguagem anódina, mais próxima do procedimento barroco do século anterior. Num século no qual todos começavam por ser cartesianos, racionalistas e fervorosos adeptos do progresso das Luzes, Vico foi anticartesiano, polemizou com os racionalistas e expôs uma original e atrevida teoria cíclica da história.

**Em pleno século 18, ele foi anticartesiano, polemizou com os racionalistas e expôs uma atrevida e original teoria**

Vico inicia sua obra já enfrentando o desafio de buscar uma razão humana crítica e criativa e não um saber inerte, limitado apenas ao estudo do mundo natural. Seu mote é a doutrina escolástica do *verum et factum convertuntur* – o que é verdadeiro e o que está feito se equivalem – que afirmava, em geral, que o conhecimento perfeito do mundo só poderia ser atingido por aquele que o criou, Deus. Com muito cuidado e uma tortuosa retórica, já que os tribunais da Inquisição ainda estavam vigilantes, Vico inverte esta afirmação tradicional: se o homem não pode conhecer o que não fez, talvez ele possa conhecer o que ele realmente fez – as sociedades, as nações, as civilizações, a história, enfim. *A Ciência Nova* procura desvendar, assim, um mundo que é humano por excelência – o mundo da história, para o qual o conhecimento exato e infalível é não apenas inútil como até mesmo prejudicial.

“Só podemos conhecer um mundo que verdadeiramente criamos” – esta é, por assim dizer, a “descoberta” fundamental da obra de Vico, o alicerce sobre o qual ele monta o vasto edifício de erudição e criatividade que é a *Ciência Nova*. Na dialética de Vico, que busca movimentos anônimos nas temporalidades sociais, os homens fazem a sua própria história e podem, portanto, reexaminar esse processo na sua imaginação. O problema é que, para justificar estas afirmações notáveis, e buscando talvez legitimar sua extrema solidão intelectual, Vico sobrecarrega o texto com inúmeras citações eruditas, remissões infinitas à autoridade de nomes famosos, chegando mesmo a designar suas afirmações centrais como “dignidades”. Recorre aos renascentistas Campanella, Patrizzi ou Pico della Mirandola, que pregavam que “conhecer é estar unido ao que se conhece” ou que “a mágica é idêntica à sabedoria”. Como um bolo saboroso cuja receita se perdeu, Vico mistura, de forma inextricável, estas fontes renascentistas com o empirismo de Locke e Bacon, concluindo sua longa e tortuosa argumentação com uma provocativa afirmação de Hobbes: “Nos demonstramos a geometria porque só nós podemos fazê-la.”

Sentindo-se ainda incompreendido e, para fornecer ao leitor “uma idéia da obra antes mesmo de ler” ou “para conservá-la mais facilmente na memória depois de a ter lido”, Vico resolve colo-



car no frontispício do livro uma ilustração composta de inúmeros elementos místicos e herméticos, todos com uma “chave” para os enigmas que ele esforça-se por explicar ao leitor em mais de 20 páginas. O próprio fato de utilizar-se de imagens para explicar a obra já fazia deste teimoso filósofo uma figura rara e original. Mas também aqui Vico polemiza com o seu tempo: contra o diagrama abstrato que o racionalismo iluminista impõe à história universal, Vico insiste em buscar, na solidariedade da vida

**Segundo o autor, é essa mesma habilidade, a fantasia, que gera nosso sentido do passado**

em seu conjunto, a significação mais profunda da história. Mais do que uma biografia linear, a história universal é aquela confusa, anárquica e fértil autobiografia da humanidade. Vico nos leva a percorrer longa viagem pelo território da história antiga, dos caldeus aos romanos, e com inúmeras repetições e argumentos dispersivos, gasta toda a 1.ª parte do livro para comprovar que é a fantasia que cria os mitos e os rituais que representam dramaticamente os conceitos primitivos da humanidade, e que é esta mesma habilidade, a fantasia, que gera nosso sentido do passado. A língua e a mitologia constituem as

chaves para a interpretação das sociedades, mas nem sempre as tradições são literalmente verdadeiras. Todas as tradições são verossímeis, mas nenhuma delas significa exatamente aquilo que diz. Com observações argutas como estas, Vico reforça o argumento de que só podemos aspirar a um conhecimento verdadeiro quando conseguimos operar uma reconstrução ou uma desmontagem mental daquilo que pretendemos conhecer. O que impressiona neste aspecto, além da originalidade e da argúcia das proposições, é a familiaridade com que o filósofo napolitano parece tratar a idéia de um autoconhecimento, central nas modernas correntes da hermenêutica histórica, hoje brilhantemente expostas por Reinhart Koselleck ou Paul Ricoeur.

Há um padrão na história? É a natureza humana igual em toda parte? Ao responder estas questões, Vico antecipa, de certa forma e a seu modo, a idéia de uma “filosofia da história”, termo cunhado e utilizado, alguns anos depois e pela primeira vez, por Voltaire. Mas Vico, como típico intelectual iluminista, acreditava numa natureza humana comum e universal que reproduziria, em qualquer parte do mundo, uma cultura racional e civilizada. Vico parte do princípio de que o homem não tem “natureza”, tem apenas “história” e a tarefa de descobrir um sentido da história – que Vico designa como “história ideal eterna” – é descrita como a principal vo-



VICO: Michelet o considerou seu “único mestre”; Marx, “o pai da história da tecnologia humana”. Sua obra foi inspiração para Joyce e Edmund Wilson

cação do historiador. A “história ideal” é constituída, segundo a descrição de Vico, por três Idades: dos Deuses, dos Heróis e dos Homens.

Vico fornece um fundamento antropológico e ético para cada uma destas épocas: os homens se apercebem primeiro do que é necessário, depois do que é proveitoso e cômodo, comprazendo-se finalmente no agradável e no luxo das coisas. Cada uma das Idades gerou uma respectiva moral, uma economia, uma jurisprudência, uma política e uma visão de mundo. Mas é possível perceber a ênfase – inusitada para a época – numa abordagem que valoriza a produção cultural de cada sociedade: na Idade dos Deuses, os ciclopes dos tempos bárbaros raciocinavam com o corpo, sem nenhum poder de reflexão mas com robustíssima fantasia, utilizando-se das imagens e da escrita hieroglífica; a Idade dos Heróis teria sido essencialmente poética, com o uso da linguagem simbólica, mas com uma moral ainda baseada na guerra e não na paz. A Idade dos Homens caracteriza-se pelo uso dos sinais convencionados pela razão, pelo nascimento da filosofia e, afinal, por atingir o que seria a plenitude da civilização.

O brilhantismo de Vico revela-se na segunda parte, no qual ele realiza um detalhadíssimo estudo lingüístico, que se completa na parte seguinte, na qual procura aplicar concretamente seus métodos a um estudo específico da poética de Homero. O método desta nova ciência é, fundamentalmente, um método filológico pois, para Vico, a linguagem é a testemunha ancestral da história, já que é por meio dela que se produz a compreensão do homem para o homem, a significação da obra para os intérpretes, a iluminação do passado para os presentes sucessivos. Mas, no diagrama da História da *Ciência Nova*, a Idade dos Homens e da Razão, o último estágio, não é necessariamente o ponto de chegada pois, para Vico, a história é feita de curso e recurso (*corsi e ricorsi*) – aqueles fluxos e refluxos que sempre colocam a possibilidade de uma nova barbarização.

Não se trata aí de uma mera rotatividade da história pois, como bem observou Collingwood, Vico não descreve ciclos de fases fixas como um círculo, mas sim numa linha sinuosa, imitando a espiral de uma história que não se repete. Eis aí mais uma das formulações anacrônicas de Vico, que ainda mais acentuariam sua solidão intelectual: uma teoria cíclica em pleno século das luzes e do progresso, o ciclo do tempo de Vico contra a aquela seta do tempo irreversível e linear dos filósofos iluministas.

**Se uma frase pudesse resumir a posteridade de Vico, diríamos: muito citado, pouco lido e ainda menos compreendido**

O que faz a riqueza de *A Ciência Nova* é que ela foi escrita na fronteira de vários mundos mentais, não se enquadrando em nenhum deles: nem renascentista, nem cartesiano, nem barroco, nem iluminista – daí também a complicada posteridade de Vico. Se uma só frase bastasse para resumir a posteridade de Vico, diríamos: muitíssimo citado, pouquíssimo lido e ainda menos compreendido. A história posterior de *A Ciência Nova* vem exemplificar o singular destino daquelas obras que têm muito mais intérpretes do que leitores. Goethe reconheceu em Vico o autor de uma “obra sibilina”, que seria muito lida no futuro. Michelet traduziu parte de *A Ciência Nova* para o francês e considerou Vico como seu “único mestre”.

Marx recomendou-o a Lassale, justificando ser ele “o pai da história da tecnologia humana”, e muitos marxistas viram nele “o precursor da dialética histórica entre a teoria e a prática”. No século 20, *A Ciência Nova* serviu de inspiração direta para teóricos críticos da história como Croce ou Collingwood; para teóricos especuladores da história como Toynbee ou Spengler; para inúmeros escritores, como Joyce em *Finnegans Wake*, ou Alejo Carpentier, que jogou o ricorso de Vico no título do seu incrível romance *O Recurso do Método*, ou para ensaístas como Edmund Wilson, que abre o seu *Rumo a Estação Finlândia* com a “descoberta” de Vico; ou Isaiah Berlin, que praticamente dedicou um livro inteiro a Vico. Sua posteridade acabaria exemplificando, por fim, o próprio relativismo histórico que a sua obra perseguiu de forma tão extravagante: toda vez que um autor é muito obscuro e muito original, seus intérpretes tendem a utilizá-lo como um veículo para suas idéias, transformando-o numa outra espécie de evangelho, cheio de portas nas quais quem quer que bata será atendido buscando o que procura.

Mas, com esta primorosa edição brasileira de Vico, o leitor tem a oportunidade de conferir, por si mesmo, a validade dos usos e abusos que estes outros leitores famosos fizeram de *A Ciência Nova*. E de tudo, resta apenas uma única certeza: todos ficaram seduzidos com a brilhante demonstração de Vico, de que os homens conhecem a história porque fazem história. E esta pitada de verdade humanismo nunca é demais num mundo de biotecnologia, computadores e desastres ecológicos.

Elias Thomé Saliba é historiador, professor da USP e autor de *As Utopias Românticas*

## A dialética histórica ao estilo de Giambattista Vico

“Foram os próprios homens que fizeram este mundo de nações; mas este mundo, sem dúvida, saiu de uma mente freqüentemente diversa e, às vezes, de todo contrária e sempre superior a esses fins particulares que os homens se haviam proposto; desses fins restritos, feitos em parte para servir a fins mais amplos, se serviriam sempre para conservar a humana geração nesta terra. Por isso, querem os homens usar a libido bestial e dissipar seus benefícios, e fazem a castidade dos matrimônios,

de onde surgem as famílias; querem os pais exercer desmedidamente os impérios paternos sobre os clientes, e sujeitá-los aos impérios civis, donde surgem as cidades; querem as ordens reinantes dos nobres abusar da liberdade senhorial sobre os plebeus, e tornam-se escravos das leis, que fazem a liberdade popular; quer em os povos livres livrar-se do freio de suas leis, e seguem sujeitos aos monarcas; pois querem os monarcas, com todos os vícios que lhes assegure a comodidade, aviltar seus súditos, os

dispõem a suportar a escravidão de nações mais fortes; querem as nações dissipar a si próprias, e vão salvar seus restos nas solidões, donde como fenix, novamente ressurgem. O que fez tudo isso, foi, na verdade, a mente, pois que fizeram-no os homens com inteligência; não é questão de destino, porque o fizer com livre escolha; nem foi acaso, pois que com perpetuidade, sempre assim fazendo, chegaram às mesmas coisas.”

(Giambattista Vico, *A Ciência Nova*, 1725, p. 487)